

DOSSIÊ TEMÁTICO

“Era vez nenhuma!” ou os descabidos contos de fadas de uma professora sem modos e uma criança desbocada

Steferson Zanoni Roseiro¹
Alexsandro Rodrigues²
Marcio Caetano³

Resumo: Essa escrita aposta na ampliação da existência dos corpos, entrelaçando a vida cotidiana de uma escola e as forças fabulatórias. Apresenta, de início, uma escola que, com certas lentes, era quase saída do *Era uma vez*, totalmente afeita ao pulcro. E justamente a partir dessa escola e de pedagogias demasiadamente certinhas, o texto fabula uma professora que ameaça com sua estranheiridade. Afrontando as pedagogias dos mortos e a lógica dos contos de fadas que essas pedagogias criam, a professora expõe, nesses ditos de educação, o real dos espaços escolares. A professora carrega em seu corpo-estrangeiro perguntas que as pedagogias dos mortos descartam de antemão. Como *ver e viver* as vidas escolares menos pela lógica da explicação e mais por suas potências? Como desalinhar os caminhos e fazê-los voar aos ventos como um dente de leão soprado por crianças e professoras? Certo dia, a professora foi interpelada por uma criança desbocada que vê nela uma existência travesti. Ambos se afetam imediatamente. Há tempos as escolas têm agradado o sistema cisheteronormativos. Quando fabulam, as pedagogias travestis expõem os rabos da educação. Por querer dançar com os corpos cabíveis e incabíveis, a professora-travesti reinventa os contos de fadas e, a cada vírgula, empurra os limites da existência com as fabulações das crianças.

33

Palavras-chave: Fabulação; Docência; Pedagogia Travesti.

¹ Doutorando em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo. dinno_sauro@hotmail.com.

² Pós-Doutor em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo. xela_alex@bol.com.br.

³ Pós-Doutor em Currículo e Narrativas Audiovisuais. Universidade Federal de Pelotas. mrvcaetano@gmail.com.

Se era uma vez, já não é mais!

Tudo naquela escola combinava com o ar de uma escolinha pública de educação infantil, daquelas que chegamos com murais cheios de corações (vazios) feitos de emborrachados EVA e muitos babados de papel crepom que a gurizada mais velha pega para tingir os seus cabelos nos dias de festa do santo padroeiro da cidade. Uma escola arrumadinha, perfeita para os que têm pressa de por ela passar sem deixar vestígios e seguir seus rastros, fazendo longos percursos pedagógicos para garantir que tudo permaneça no mesmo lugar e sem deixar para trás – pelas paredes, pelos chãos, pelas portas, pelos objetos – nenhuma marca, rabisco, rachadura ou riso.

Para os que têm pressa, a escola só se permite ser vista com as lógicas monótonas das pedagogias insossas que a enquadram na aparência do mesmo e do sempre igual. Ela respeita a tradição da cidadezinha de nome santo. Mas bem nos parece que os que têm pressa de sentir e dizer a escola, porque alinhados à métrica da boa pedagogia e suas formas homodidáticas (SKLIAR, 2003) já muito conhecida de assunção e salvação dos jogos de exclusão, não conseguem saber do que nela efetivamente acontece. Para os apressados, os sem tempo, os arrogantes e que temem as relações que desorganizam a vida, naquela escola, porque arrumadinha como muitas outras, nada parecia passar. Quiçá, para eles, ali tudo acontecia de acordo com os conformes.

A conformidade da escolinha lhes (des)animava o santo espírito.

Sem necessidade de usos de lentes especiais, porque já esquadrinhados e enquadrados pelos modos de ver e compreender, só lhes restam ver o já perceptível e seguir os mapas já conhecidos através de uma versão hegemônica da história com a escola. Conforme sugeria uma curricularista para lá de caduca: as boas pedagogias – essas que estufam o peito para falarem de si, para convencerem aos outros de sua bondade quase divina – convidam-nos a percorrer seus labirintos com mapas que indicam os caminhos e as saídas já traçados em códigos de precisão acurada (GONÇALVES, 2019) que sempre dão como certos os resultados. Se não funcionaram, a culpa é da

professorinha despreparada que não soube aplicar o bom método, que percorreu o caminho errado dos bons currículos e das boas pedagogias.

A questão, entretanto, é: numa escola, cabe o mundo todo e o que dele sobra e vaza! O sentido clássico da pedagogia não nos interessa mais! Não nos cabem mais essas lógicas de guias das boas condutas, não defendemos, conforme sugerem dois professores belgas, que professoras e professores conduzam suas crianças pela mão (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014)! Dar à escola os rumos predefinidos e reduzi-la a uma única funcionalidade é forçar-lhe a morte precoce da experiência.

Os arrogantes da boa conduta apressam-se em muito dizer e explicar.

Tateando a escola superficialmente, lendo-a através dos quadros já pintados por uma certa racionalidade multicultural afeitas ao pulcro, lá estão as já conhecidas professoras engomadinhas, com sorrisos fofos em suas faces; tias da limpeza simpáticas e solícitas; merendeiras que gritam “bom dia” para todos que passam em frente à cozinha; uma diretora que conversa amigavelmente com as mães; e, claro, crianças adoráveis que irradiavam alegria e ingenuidade por onde andavam. Tudo seguindo um *script* rigoroso vindo lá da secretaria para a escola modelo que sempre é citada nos discursos do prefeito Vigário, aquele bom cristão de meia idade que se casou com a filha mais nova da Dona Maria das Dores.

Aquela escola, vista de longe, com certas lentes e modos de ouvir, era quase saída do *Era uma vez...*

Talvez por assim ser e parecer é que, em plena semana de carnaval, chegou à escola uma professora nova. Nova na rede de ensino como professora, nova enquanto professora, ainda que, em idade, já não fosse tão nova assim. Em seu rosto, mesmo com a base, era possível observar uma certa estrada percorrida. Mas o fato era que ela era dessas professoras que fazem questões de dizer que é professora concursada e aprovada em primeiro lugar. Sabe ela, porque a vida com a escola muito lhe ensinou, que algumas professoras só se fazem professoras se aprovadas em concurso público e com muito suor e luta. Sabe por que as histórias de muitas outras professoras desalinhas, sem jeito e com trejeitos, já lhe contaram causos e barracos. Ela, bem avisada, trazia consigo o Diário Oficial com a publicação na bolsa *speedy Louis Vuitton* que a amiga lhe presenteou quando defendeu a tese de doutorado na Universidade Federal.

E ela, barraqueira pela vida, não fez pouco caso dessas experiências.

Talvez, se pudéssemos dar um giro pela cidade de nome santo, veríamos a curiosidade lançada às faces das pessoas em relação àquela professora aprovada em primeiro lugar. Ela era, decerto, uma professora sem rosto e presença clandestina que surgia em uma cidade pequena onde todos afirmavam, orgulhosamente, se conhecerem como se fossem da mesma família. E de fato, parece que eram. Dona Maria das Dores, por exemplo, era prima do prefeito Vigário. Em suma, a professora se figurava como ameaça em sua *estrangeiridade* naquela cidade familiar. O não saber sobre a professora alimentava as conversas no coreto.

Tudo o que dela sabiam eram o susto de ser a próxima professora a dar aula na escolinha da cidade e que ela – vejam bem! – devia ser muito nariz empinado para ter tanto ponto assim. Nas ruas corriam já os cochichos porque, afinal, a sobrinha de Filomona tinha sido reprovada; a neta de Creusedete estava esperando chamarem ela; e mesmo o filho do Seu Ricardo estava lá na lista, mas, tadinho, tinha ficado depois dessa tal professora nova.

Essa tal que ninguém conhecia, mas que fazia as devidas fofocas e murmurinhos.

– Fez pedagogia também – explicou a caçula de dona Tereza, funcionária da Secretaria Municipal de Educação da cidade – Mas tem *doutorado*.

E o tom dela era quase como o de quem anuncia que a vizinha tinha uma doença contagiosa.

– Aposto que é mais uma dessas professoras de *cidade grande* – falou Eudiceia, uma professora aposentada que adorava papear com as antigas colegas da Secretaria – Vai chegar, ficar um mês, depois não se adapta com a vida das cidades pequenas e pede exoneração.

– Só vai nos trazer problemas! – acrescentou outra, juntando-se à conversa.

– Muitas professoras daqui da cidade não foram aprovadas! Boas professoras! A Claudinha, a Ilma, a Juventude... Todas maravilhosas! Certinhas, boas moças, ponderadas! Aí lá da capital vem essa professora! Sabe-se lá o que ela fez na vida!

– Aposto que ela só passou por causa desse monte de título dela! Tem gente que pensa que por ser mestre e doutora pode dar aula!

– Preparem-se, pois vamos ter problemas. Esta professora deveria ter feito concurso para a capital. Ela não vai combinar com a gente!

– Vou fazer *questão* de levar meu netinho para a escola por um mês quando ela começar – falou a professora aposentada – Quero ver se esse tal de *doutorado* faz dela professora de verdade...

É, como bem sabemos, os currículos traem seus criadores. As professoras, desconfiadas dos arrogantes currículos, misturavam histórias de Ministros, ex-ministros e os quase ministros que tanto apareciam nos televisores. Temos de concordar, é verdade, que se até mesmo nossos Ministros conseguem inventar mestrado bíblico e alegar terem concluído doutorado, com estágio em Harvard, quando não passa de uma lista de desejo. Desconfiar da tal fulana não é assim tão surreal.

Tudo isso, é motivo de risada e raiva nas rodas de conversas de professoras.

Ela, todavia, não era dessas.

Ainda que fosse nova pelas escolas enquanto professora – direito esse que foi sempre negado a ela –, estampava em seu peito o desejo pela luta democrática que considerava necessária à educação. Como a diretora da escola percebeu logo que pôs os olhos nela, o corpo da professora, mesmo com os acessórios e recursos estéticos, marcava já certa idade, e, ainda assim, era cheio vigor pelos embates. Podia-se, inclusive, pensar se tratar de uma professora apaixonada por confusões e que nada iria combinar com a escola a qual foi nomeada e com a Educação Infantil. As crianças eram tão delicadas! Mal conseguiam andar sozinhas até o banheiro sem o terror do lobo maldito!

Ainda assim, destemida que só e sem nada saber sobre os rumores – como *Tieta* da história de Jorge Armado –, eis que surge, na primeira hora da escola, a professora aprovada e nomeada para o trabalho docente.

E, para dizer o mínimo, ela nada combinava com o lugar. Nada naquele rosto ou corpo desconhecido parecia caber na escola ou mesmo naquela cidade. Viam-se óculos escuros que lhe encobriam quase toda a face, maquiagem em excesso por onde a cara vazava, um salto que poderia ser chamado de arranha-céu e uma cabeleira que facilmente poderia ser tomada por peruca. Parecia ser tirada de um filme de época, aquela professora. Se não a conhecêssemos, certamente diríamos que ainda usava o

laquê do modo que lhe foi ensinada vendo Camille K. em seus *shows* históricos. Aqueles maravilhosos que nos perguntávamos onde estava a neca! O fato é que, sem dar chance as formais apresentações, porque não cabia, eis que na sala das professoras, uma voz se faz chegar antes do corpo.

– Ooooi, gente! Sou professora nova aqui na escola... tudo bem com vocês?
Assim se apresentou ela.

Voz arrastada. A idade? Uma incógnita. A diretora, quando viu, não sabia o que fazer, o que perguntar. Recebeu a nova colega de trabalho com o máximo de sua discrição e, por entre fuxicos no corredor, torceu para tudo aquilo ser efeito de carnaval. Afinal, em tempos de carnaval, é-nos permitido deixar a cara vaziar e assumir estéticas pedagógicas um pouco mais desalinhadas. Sem muitos exageros, obviamente! O carnaval não passa de uma semana no calendário e nos currículos da escola.

Para infortúnio da escola e das famílias – que, evidentemente, já começavam a reclamar daquele corpo estranho –, a professora continuou a tocar o rumo do carro alegórico que era seu próprio corpo. A vara de condão da fada madrinha já havia bombando com suas agulhas o líquido viscoso e criado o corpo bandolim (PENALVO; CAETANO; RODRIGUES; ALVES, 2019).

Curiosamente, ela, com seu corpo bandolim, não se estabeleceu em sala de aula nenhuma por muito tempo. Um dia ela estava com crianças de dois anos, noutro com as de cinco, voltava para as de um aninho... A cada dia, a diretora ou a pedagoga pediam a ela para assumir essa ou aquela turma. A professora revirava os olhos. Esse era o único momento que a escola a via sem os óculos – ela fazia questão de colocá-los na ponta do nariz ou em cima da cabeça antes de fazer a expressão de total desgosto.

– É que você é muito qualificada, professora – tentava justificar a pedagoga – Tenho que pensar como aproveitar melhor seu conhecimento, sabe?

E o jogo do caboclo doido continuou. Dia numa sala, dia noutra, dia numa, dia noutra.

– Escuta aqui, querida – a professora chamou a pedagoga já com 3 chicletes na boca para aguentar a irritação – As outras professoras também ficam mudando de sala assim igual peru tonto ou só as que precisam trocar comigo? E elas estão tão de bem assim com isso? Por que eu já estou irritada? Elas não estão não? Vamos ter que fazer

um motim para cima de vocês? O que foi, o gato comeu sua língua? Foi o que imaginei. Vamos fazer assim? Já que eu fui parar em todas as salas mesmo, vou fazer uni-dunitê e na sala que eu parar vai ser a minha, que tal?

O resultado daquele jogo ninguém nunca soube.

Talvez a professora fosse realmente fazer o jogo para escolher uma sala de aula. Ela realmente já *tinha* entrado em cada uma delas nos últimos dias zanzando pela escola. Talvez, inclusive, ela pudesse escolher uma turma em que fosse dar menos trabalho à escola e à comunidade, uma turma que tivesse menos perguntas para responder, menos coisas para explicar. Talvez aquela turma em que a equipe diretiva reuniu todos os alunos-problemas nela. Assim vigiariam todas as “anormalidades” a um só tempo. E, se algo desse verdadeiramente errado, ainda poderiam, com sorte, solicitar a transferência da professora. A pedagoga já havia ponderado sobre aquilo com a diretora e estava pronta a convencer à professora a pegar uma turma de um aninho porque, afinal, teriam uma auxiliar em sala mesmo, então talvez as famílias passassem a tomar a auxiliar como referência e a professora poderia evitar comentários ou conversas desnecessárias.

A pedagoga *amaria* essa solução.

A diretora e a pedagoga até acreditavam que a professora faria comentários e objeções, mas pensavam – erroneamente – que ela logo se acalmaria. Ingênuas. Há muito aquela professora aprendera a importância de sustentar o mal-estar, de posicionar-se enfaticamente, de comprar as brigas necessárias.

Tem coisas na escola que só se faz saber na exatidão dos acontecimentos. E como a vida da escola é feita de acontecimentos e surpresas, num *exato momento*, uma criança, dessas que vazam e nos deixam nus, correu escola adentro para usar o banheiro. Ela não tinha medo do lobo mal. Os portões de entrada ainda não tinham sido abertos, mas já era hábito na escola que vez ou outra uma criança e um responsável entrassem para beber água ou usar o banheiro.

E, apesar da escola se achar um verdadeiro conto de fadas ou do Prefeito Vigário, sabemos que, nos contos reais, há nas histórias sempre um tom de tragédia, comicidade e horror.

– MÃE, MÃE! Viu? Eu não disse que tinha uma professora que parece com a tia Rayara Eloá? Será que ela também é travesti? – o menino esqueceu-se do banheiro por um segundo e correu para perto da pedagoga e da professora – Tia, deixa eu ver? Você faz xixi em pé ou sentada? Minha tia é diferente da minha mãe, ela faz em pé e também sentada.

A mãe perdeu a fala. A pedagoga era só o pânico. A diretora correu pra dentro da sala da direção e silêncio, por segundos, entrou no ambiente.

– Faço xixi do jeito que eu quiser, meu bem! – respondeu a professora, alargando o sorriso para o menino e tirando os óculos escuro por completo – Em pé, sentada, de ladinho, deitada. Depende do aperto, sou igualzinho a você. Se precisar, eu até corro. Agora corre que senão sua bexiga vai explodir e a gente vai tudo ficar sentindo inhaca de urina na sala depois. Eca! Vai, vai!

A mãe tentou pedir desculpas pelo filho. A professora rejeitou tudo. Era só sorrisos.

Entre os adultos, ecoava sem fim o nome travesti.

Quando a mãe e o menino voltaram para o lado de fora, a professora apenas disse:

– Minha turma é aquela – a professora falou, apontando para o menino.

Ela ainda ria da expressão mortificada da pedagoga quando o dia acabou.

Para abandonar de vez as pedagogias dos mortos

Talvez, se conseguíssemos acompanhar aquela professora, topássemos com uma turma verdadeiramente em uma situação embaraçosa com a professora que tinham. Talvez não por causa delas mesmas! Sim, possível que as crianças percebessem algumas coisas diferentes, talvez precisassem fazer muitas perguntas cabeludas e cabulosas. Mas coisa de criança! Nada que uma enxurrada de perguntas e de conversas não dessem conta. Decerto, a professora Minerva Lorrara já estava acostumada com essas situações! As curiosidades sobre o seu corpo sempre apareciam e, talvez, víssemos em seu histórico inclusive aulas infinitas sobre as possibilidades do corpo humano, afinal, o povo sempre quer saber como é feito o peito, a bunda, a boca, os quadris...

Ainda assim, diante das pedagogias mortificadas que se multiplicam pelas escolas e pelas famílias, o mais óbvio seria justamente o impedimento de tudo isso. Talvez, à porta da sala, mães, tias, avós, primos e avôs sussurrassem o famoso “Don’t ask, don’t tell” do lema militar estadunidense: “Não pergunte, não conte!”. A saída das pedagogias mortificantes seria justamente a do próprio cadáver: a mortificação das perguntas, das falas, das reações, dos interesses e da aprendizagem que resulta de tudo isso.

Em algum momento, talvez a professora notasse que, ali numa escola-do-faz-de-contas, restar-lhe-iam apenas cadáveres de crianças que, por serem demasiado adoráveis, nada faziam além do que as pedagogias dos mortos lhes ensinavam.

Esse é o ponto em muitas das histórias e escolas dos contos de fadas: elas criam crianças tão insonsas, realidades tão surreais que, sob qualquer perspectiva, nada daquilo é possível.

O pior de tudo é que, muitas vezes, essas escolas-de-contos-de-fadas insistem em dizer que elas relatam o real, que nelas as coisas são verdadeiras. São pedagogias tão funcionais que, a todo o momento, querem garantir a funcionalidade da escola em sua preparação para o futuro da vida. Um futuro que, muitas vezes, é apenas mais do mesmo, é apenas o desejo de ordem. E não nos faltam escritas acadêmicas para falar dessas escolas-de-conto-de-fadas! Quase toda a filosofia da educação parece ter, em algum momento, debandada para as escolas-de-contos-de-fadas! Não faltam cenários em que as crianças sumam! Conforme destacam (ALVIM; MAÇÃO; ROSEIRO, 2020), as filosofias da educação tendem a enxergar as reproduções sociais e culturais; os alunos que se descobrem – de repente! – autodidatas; os pedagogos muito bem intencionados que fazem todos os esforços para guiarem seus alunos; os professores engajados nas lutas políticas contra a dominação; as professoras que prezam a formação ontológica do ser; e mesmo os desertores dessa lógica cruel da escolarização. Não faltam possibilidades de pensar e conduzir as histórias sobre as escolas!

De algum modo, todavia, quase todas essas pedagogias criam suas terras de contos de fadas ao se debruçarem sobre as crianças e as infâncias que perambulam pelas terras escolares. Isto é, criam crianças e infâncias tão apáticas que percebemos logo de cara que aquelas escritas não conhecem as verdadeiras infâncias que povoam as escolas

reais. Não sabem das artes, travessuras, bagunças, brigas, paixões, esperanças, tristezas, alegrias, risadas, loucuras, escapadas. Tão enfáticas em se preocuparem com a função educativa, desconsideram os vínculos afetivos entre crianças e professoras e professores, entre crianças e os espaços reais das escolas.

Por mais bem-intencionadas, talvez pudéssemos dizer que todas essas perspectivas acabam por criar uma *pedagogia dos mortos*, uma pedagogia que, em absoluto, não dá conta de acompanhar a riqueza das movimentações da vida. A pedagoga da escola-dos-contos-de-fadas é ficção e, ao mesmo tempo, uma figura permanente em todas as escolas. São professoras, diretoras, coordenadores e pedagogas que, a todo o momento, vivem a evitar os problemas e os conflitos nas escolas, deixam de explorar suas práticas e seus afetos simplesmente para evitarem encrencas, para manterem a ordem e a tranquilidade das/nas escolas. Fecham os ouvidos e olhos para não responder aos palavrões, eles sempre falam de sexo e isso é proibido no conto de fadas. Somos, em dada medida, todos frutos de uma pedagogia dos mortos que nos ensinou – a todo o custo – a *evitarmos a vida, a força pungente da vida*. Aquela que somente por meio dela se constitui a experiência e com essa, a criação. Nas escolas, crianças e professoras fazem danças e piruetas, fazem escrachos, levantam o dedo do meio, riem, debocham e mesmo choram.

Aceitar ideias pedagógicas que nos encaixem nessa ou naquela função, com tais e quais propósitos é quase nos empalhar. Esperar de uma criança o bom comportamento é o mesmo que lhe pôr para dormir com doses cavalares de dopaminas ou de tédio; esperar que uma professora ou um professor trabalhem durante todo um ano letivo sem brigas, risos, abraços, afetos e fugas é criar expectativas quase robóticas para o trabalho docente.

Clamam por lutas, por libertação, subversão e, muitas vezes, enxergam essas possibilidades apenas a distâncias telescópicas. “Estão lá longe, num horizonte que um dia chegarão!”, anunciam pomposamente.

De imediato, matam os corpos que estão ali.

As boas pedagogias, tão preocupadas com o *real*, acabam por explicá-lo, por criarem manuais, regras, condições de existência. E, deveras, esquecem-se também de seu caráter quase violentador (OLIVO, 2017) de guia dos corpos perdidos! Caráter esse

que uns, inclusive, exibem orgulhosos! Assumem uma postura demasiada enfadonha de sabichona e, com efeito, passam a fingir bondade ao apontarem os dedos na cara das outras pedagogias para lhes apontarem os defeitos. Não tarda e lá estão elas engalfinhadas em debates para afirmar quais e tais pedagogias são mais ou menos falsas. Evidentemente, esquecem-se de produzir mais *vida* em suas próprias práticas, escritas e apostas.

Suas afirmações tão bem calculadas e tão lindamente exibidas não produzem outra coisa senão corpos mortificados.

O curioso é que elas – as pedagogias dos mortos – mortificam *justamente* por não fazerem de si mesmas obras literárias, por não transitarem – desde suas convulsões de pensamento – por entre os contos de fadas, as ficções, as fábulas e as deambulações. Todos sabemos, evidentemente, das dificuldades da vida, das tentativas de controle sobre os corpos, dos ímpetos necróticos da sociedade, dos governos e das políticas neoliberais. A questão, entretanto, é que as filosofias da educação e suas pedagogias morrem precisamente no momento em que abandonam seus delírios por se desejarem demasiadamente reais, no momento em que deixam de ensejar nas vidas éticas que escapem da plenitude das tramas do poder.

[...] continuo pensando que para falar de mudança na educação é necessário, primeiro, um profundo silêncio, uma longa espera, uma estética não tão pulcra, uma ética mais desalinhada, deixar se vibrar pelo outro mais do que pretender multiculturalizá-lo, abandonar a homodidática para heterorrelacionar-se. E que logo em seguida é preciso voltar a olhar bem aquilo que nunca vimos ou que já vimos, mas desapaixonadamente. Voltar a olhar bem, isto é, voltar a olhar mais para a literatura do que para os dicionários, mais para os rostos do que para as pronúncias, mais para o inominável do que para o nominado. E continuar desalinhados, desencaixados, surpresos, para não continuar acreditando que nosso tempo, nossa cultura, nossa língua, nossa mesmidade significam todo o tempo, todo o espaço, toda a cultura, toda a língua, toda a humanidade (SKLIAR, 2003, p. 20).

Toda obra literária cobiça um silêncio, uma obscuridade. E é isso que diferencia sua linguagem da linguagem não literária, dessa linguagem arrogante e dominadora que pretende iluminar e esclarecer, explicar, dar conta das coisas, dizer tudo. Frente à verborreia sistemática dos que sabem, a fábula é a ocupação poética do indizível, sua expressão e, ao mesmo tempo, o respeito para o indizível, sua conservação como misterioso inexprimível. *Por isso a literatura não esgota aquilo que*

Esse, talvez, seja o ponto crucial aqui para nós: como entrelaçar a vida cotidiana – essa vida que uns enxergam como pecado a ser dirimido, que outros enxergam como lugar-do-nada – com as forças fabulatórias? Como *ver e viver* as vidas escolares menos pela lógica da explicação e mais com suas potências literárias? Quiçá, como abandonar as pedagogias dos mortos e, paradoxalmente, fazer pedagogias capazes de se aventurarem por entre fábulas e ficções, por entre delírios e deboches? Como desalinhar os caminhos, desfilar as linhas e fazê-las voar aos ventos como um dente de leão soprado por crianças e professoras? No limite, perguntamo-nos: quais pedagogias surgirão daí? Quais invenções faremos à vida?

Ainda que o mundo possa existir sem a nossa presença, nosso comparecimento neste mundo nos exige criatividade para fabulá-lo e para questionar o inquestionável das petições que sobre ele operam (CAETANO, 2016). Sejamos honestos, quando evocamos uma professora para lá dos sem modos para responder isso, damos já o prelúdio de uma pedagogia que se desenha em todas as escolas verdadeiramente *escolas*. Ou melhor, de *pedagogias* que se espalham sempre contra as beatas da boa educação, de pedagogias espalhafatosas, ora demasiado obtusas, ora encenqueiras por natureza.

Os nomes dessas pedagogias são muitos, mas nós, que sempre combatemos a norma pelo rasgo de nossos cus, acabamos chamando-as carinhosa e ofensivamente de *pedagogias travestis*. Sabemos, porque nos ensinaram, pelas muitas escolas da vida, a fazer a cara professoral vazar. Todos os dias, (des)montamos professoras sempre outras. Nossas bolsas não vão vazias para escola! Nelas encontramos cola quente, *glitter*, purpurinas, rasteirinhas, chicletes e gilete. A prática docente, feito montaria, se confecciona entremeada com as histórias que também sabemos contar. Porque contra a morte que se efetiva em vida, em regra e norma, é preciso evocar a travesti que habita nossas peles para *cagar* tudo o que nos limita alegadamente por nos querer bem.

É, decididamente expor os rabos da educação é uma das artimanhas cabíveis.

Aos modos da professora que usa óculos escuros mesmo em salas de aula pouco iluminadas, talvez seja possível exagerar nos efeitos trágicos e dramáticos das pedagogias dos mortos para acentuar o caráter sem vida a ponto de fazer dele risível.

Se a vida é sempre muito mais cuspidada, borrada e fedida que as pedagogias dos mortos têm coragem de exibir, pois que façamos de toda essa sujeira o motivo principal de trabalharmos na educação. Não como tentativa de limpeza! Mas de intensificação dessas sujeiras a ponto de fazermos delas o ponto de encontro entre todos os corpos.

Uma pedagogia, talvez, para espalhar as sujeiras ao invés de limpá-las.

Porque, decerto, esse é o ponto de uma pedagogia travesti. Uma pedagogia travesti, desejanse de vida, debocha do jardim do Éden. Rastejante, afeitada ao chão, trincando as cascas das empáfias docentes, colocando à mostra o avesso do mundo, as pedagogias travestis convocam professoras e professores, em ato, a montarem-se em plasticidades de saberes erráticos que nos permitem travestilizar a educação. Trucando e aquendendo o que vaza do corpo, valendo-se de saberes subalternos de uma vida que vaza e faz vaziar, fazem coisas outras com os restos e com as sujeiras que permitem a expansão e o florescimento da vida! Ao enfrentar a vida tão correta e organizada, ao enfrentar uma pedagogia que mortifica, é preciso que ela faça viver tudo aquilo que é enfeitado ou enquadrado para parecer *certo*. Não se trata, em absoluto, de sempre provocar o vexame, fazer a afrontosa, debochar dos limites risíveis das boas educações. Por vezes, a pedagogia travesti é aquela que menos fala, aquela que mais séria se posiciona. Para diante da alegoria cafona que as pedagogias dos mortos evocam sob certas bandeiras e traveste-se em um terno, escondida atrás dos aros de uma professorinha toda certinha. As pedagogias travestis falam milhares de línguas! Escrevem errado para rir das boas pedagogias, mascam chiclete frente à diretora que enfatiza as normas, fantasiavam-se inapropriadamente fora do carnaval, expõem seus corpos ao ridículo junto às crianças sem medo dos prejuízos e ameaças. E, ao mesmo tempo, evocam a seriedade necessária para confrontar todas as limpezas e certezas da mortificação da vida.

Herdeiras de um modo de pensar a vida cognoscível separada da existência corporal, as travestilidades pedagógicas aprenderam, há muito, que a sujeira é sempre

corpórea. Daí a necessidade de fazer do corpo ferramenta de trabalho para enfrentar a vida almejada pelas pedagogias dos mortos.

“Era uma vez onde, menina? Era vez nenhuma!”

– Menino, já falei com você para não tirar esse tênis assim sem mais nem menos! – ralhou a professora com uma criança na hora da roda – A tia Minerva Lorrara já não falou que seu chulé consegue matar alguém? Tem que lavar, passar álcool, lencinho e depois deixar tomando um vento! Eu hein!

As crianças se pocaram de rir.

– Qual vai ser a história de hoje, tia Minerva Lorrara?

– Eu lá tenho cara de Disney, seus pestinhas? Sou um cinema para vocês? Eu hein! Não tem história nenhuma hoje! Mas eu conheci uma menina uma vez que ficava todo dia na varanda do quarto dela. Meu apartamento era na frente do dela, né? Eu moro no décimo andar e ela também. Aí eu a via *todo dia* na varanda. Perguntei pra mim mesma várias vezes: “Essa menina tem vida, não? Que preguiçosa!”, porque não interessava quando eu estava em casa, eu sempre a via lá, na frente da varanda, penteando e trançando o cabelo...

– Era a Rapunzel! – gritou uma das meninas.

– Não é uma história, sua boba – falou outra menina – Tá vendo que é uma história de verdadinha não?

– É a história da Rapunzel sim! A tia tá até fazendo trança no cabelo para imitar ela...

– Mas não começou com “Era uma vez”!

– Era uma vez onde, menina? Era vez nenhuma! Isso sim! Agora me respeita que estou contando uma história!

– Mas você falou que não era uma história! – respondeu o menino atrevido que tinha feito a professora se apaixonar por aquela turma.

– Então, agora é!

E seguiu contando a história da Rapunzel moderna que, todo dia, ficava na varanda ouvindo o canto da empregada que limpava o andar de baixo.

– E, um dia, quando a mãe dela descobriu que ela estava de fuxico com a empregada do vizinho de baixo...

– Ela tava de namorico com a moça do andar de baixo?

– E eu lá sei, Manoel? – respondeu a professora – Só sei que ela ficava lá todos os dias na varanda e sempre jogava o cabelo dela para a varanda de baixo. E era tão longo que chegava até lá brincando! E foi por isso que a mãe da Rapunzuda foi lá e raspou o cabelo dela.

– Tadinha! – ecoaram quase todas as meninas.

– E o que ela fez com o cabelo? Vendeu? Fez peruca? – perguntou uma menina timidamente.

– Eu ia jogar fora pra nunca mais ter que lavar! – gritou o Manoel, o menino atentado – Será que eu posso raspar minha cabeça, tia? Eu detesto lavar cabelo!

Uma ou duas meninas riram e começaram a cochichar sobre a ideia.

– E sabe que eu acho que a Rapunzuda pensou exatamente a mesma coisa que você, Manoel? No dia seguinte, eu nem a vi na varanda da casa dela! Ela estava na varanda de baixo, cantando junto com a mocinha que limpava o apartamento da vizinha!

E assim seguia errando, recriando, recontando.

Todo dia, a professora reunia suas crianças e não lhes contava história nenhuma!

Com o tempo, as próprias crianças já pediam uma história do “Era vez nenhuma!” e tentavam adivinhar o que haveria de errado com a história. Ali, nenhum conto de fadas escapava e as variações dentre eles eram infinitas! Se em um dia topássemos com um Chapeuzinho Vermelho que era uma *drag queen* levando uma cesta de maquiagens para a avó, no outro talvez nos deparássemos com um Gepeto que, de algum modo, criava o Pinóquio em sua barriga e não como um boneco de madeira. As crianças, danadas que são, pediam sempre mais. Exigiam variações infinitas! Rapunzel virou a Rapunzuda do apartamento da frente da professora; Rapunzo, o primeiro namorado da professora que vivia gripado e por isso nunca saía de casa; Rap-Zel, uma rapper famosa que morava em uma casa na árvore no meio do nada, em uma floresta escondida, e por isso só aparecia nos vídeos do YouTube.

Todas as histórias que rodavam naquela sala eram povoadas por corpos que a maior parte das crianças sequer saber da existência. E isso as empolgava em perguntas para lá de descabidas sobre as possibilidades da própria vida.

– Eu acho que a tia Minerva Lorrara só conta essas histórias porque ela não sabe contar uma historinha de verdade! – o Manoel provocava toda vez que a professora terminava mais uma das suas versões para lá de estranhas dos contos de fadas.

– Pois eu acho que o senhor quer mesmo é contar uma história para lá de louca no meu lugar, senhor Manoel! – rebatia a professora sempre cheia de risos.

– Oba! Quando eu vou contar meu “Era vez nenhuma”?

Criar, no corpo, histórias doutros corpos

– Tia, eu vou sentir saudade.

As crianças iam se aproximando tentando sentar no colo da professora.

Aquele era o último dia de aula. O ano letivo havia transcorrido com umas muitas interferências daqui e dali, mas também com muitas amizades sendo tecidas nos lugares mais inesperados. Com o tempo, a professora entendeu que ninguém se faz professora sozinha. As brigas são sempre coletivas! Há sempre alguém ali ao seu lado, apertando sua mão, partilhando ideias e multiplicando afetos. Mesmo diante da insistência da pedagoga e da diretora que tentaram armar o circo para cima da professora, as crianças e as famílias delas foram, logo de cara, encantadas pelo modo sincero da professora.

– Sabe, professora, você assusta um pouco – tinha lhe falado uma mãe em certa ocasião na porta – Mas eu nunca vi minha filha acordar *antes da hora* para vir para a escola. E agora é assim todo dia lá em casa!

Em resposta, a professora fez um muxoxo estranho. Um misto de “Quem manda ser preguiçosa” e de um choro contido de orgulho. A mãe, já acostumada com as reações estranhas da professora, não fez outra coisa que rir.

Por isso, ali, quando o ano acabava, Minerva Lorrara decidiu que, naquele dia, a história seria outra. Tirando todas as crianças do seu colo, a professora resolveu puxar o tapete dos contos de fadas e chamou a todos para mais uma história.

– Mas hoje a tia Minerva Lorrara vai começar com “Era uma vez”, pode ser?

E começou a contar uma história que, em momento nenhum, as crianças reconheceram.

Era a história de uma criança que sempre se animava com as histórias, mas sempre com os personagens errados. As outras crianças viviam dizendo que aquela criança estava ficando doida, que ela era biruta. “ECA! Você queria que a bruxa fizesse sopa de João e Maria?”, perguntavam as crianças. E ela sempre respondia que sim. Ela, na verdade, era apaixonada pelas bruxas, pelas vilãs e os oprimidos das histórias. Eram esses que a fascinavam.

– Aquela criança falava que as histórias só aconteciam por causa das bruxas, das feiticeiras, dos ladrões, das crianças desobedientes e por isso sempre se empolgava mais com o início que com o final das histórias – contou a professora – Até que, um dia, a professora daquela criança trouxe para a sala um livro chamado “A verdadeira história dos Três Porquinhos”. E quão surpresa a criança ficou com a história contada pelo Lobo Mau! Ela brincou e ensaiou aquela história tantas vezes que, aos poucos, a professora dela foi trazendo ela para o momento da história, colocando ela para contar outros finais, para inventar outras arapucas para os contos de fadas. Parecia que a professora daquela criança contava as histórias só para, no final, pedir à criança que contasse de novo do jeito dela!

As crianças riram e olharam para o Manoel.

– Não é a minha história! – falou o menino com cara assustada – Ou é?

A professora sorriu.

– Um certo dia, a professora da turma chegou na sala com um livro chamado “Bonequinha Preta” e disse que a turma faria a apresentação daquela história como um teatro. A criança pediu muito para ser a bonequinha preta da história, mas a professora não deixou! Disse que, antes, eles precisavam fazer, daquela história, outra história. E assim fizeram. Contaram uma história em que a Bonequinha Preta nunca voltava para casa, que sumia pelo mundo e deixava para trás a exigência da vida Maria. Naquele dia, contra todas as outras professoras, a professora da turma colocou aquela criança para ser a Bonequinha Preta. Que fugiu pelo mundo. E a criança e a mãe dela, que também aprenderam a deixar para trás tudo que as machucava, fugiram juntas. Deixaram para

trás as Mariazinhas que buscavam a mesmidade dos corpos, das vidas, dos desejos... Somente muitos anos depois é que aquela criança voltou para a cidade dela... voltou professorinha e começou a ensinar um pouco de fuga, malcriação e invenção...

A professora Minerva Lorrara olhou para seus alunos e sorriu.

– É isso.

As crianças reclamaram. Pediram uma história mais engraçada, com explosões, romances e outras desventuras. A professora gargalhou.

– Prometo que conto outra, tá bom? Vou só pedir a vocês para se lembrarem disso, pode ser? – perguntou ela, dançando os olhos bem dentro das pupilas de cada uma das crianças – Era uma vez uma criança que adorava contos de fadas, mas era uma vez uma criança que não se cabia com apenas uma história, com apenas um tom, com os personagens sempre iguais. Por isso, era uma vez uma criança cheia de outras “Era uma vez”. Era uma vez uma criança que um dia era uma menina perdida na floresta, no outro era um perigoso dragão que queria a donzela só para si, em outro era um rei louco que gostava de festas e bolos e em noutro era uma ratazana se esgueirando por entre os castelos para roubar comida. Era uma vez uma criança que, a cada dia, criava para si um novo corpo. E, aí, era vez nenhuma! Eram muitas vezes!

50

Por uma pedagogia travesti na terra dos contos de fadas

As cenas que convidamos ao longo do texto são pequenas fábulas⁴, recortes retirados – quiçá – de nossos cus. Há muito tempo, temos caminhado por entre escolas e nos deparado com os bons agrados do sistema sexo-gênero, das normativas cisgênero, da heterossexualidade compulsória. Há anos, inclusive, algumas de nós adentram as salas de aula da Educação Infantil e se deparam com brigas enfadonhas que ainda precisam realizar, brigas essas que pensávamos há muito estarem extintas. E, evidentemente, somos sacolejadas quando nos deparamos com os cenários cafonas

⁴ Temos apostado eticamente em escritas fabulatórias em uma perspectiva de fazer sacudir o real imediato duro, isto é, aparentemente “engessado” e sujeito às forças e dominações, incluindo, aqui, as normativas de gênero e sexualidade. As fábulas, nessa perspectiva, são criação de possíveis para o mundo (DELEUZE, 2013).

produzidos por muitas dessas escolas e das pedagogias dos mortos que parecem reinar nesses ambientes.

As escolas, aquelas saídas de contos de fadas com suas teorias e pedagogias “verdadeiras”, parecem evocar as imagens de boas professoras para atender às demandas dos bons alunos. Podem evocar a imagem da professora séria ou da professora sempre sorridente, da dedicada e distante, mas também da sempre afável e companheira. A bem da verdade, as pedagogias dos mortos e suas quase infalíveis escolas de contos de fadas afirmam, sem pudor algum, corpos que não sejam demasiado corpóreos, que sejam quase etéreos, quase espirituais.

Não faltam suspeições contra nós, vidas avidamente corporificadas, que trazemos em nossa carne as histórias de luta, resistência e criação a cada passo que damos, a cada roupa que vestimos, a cada sorriso que espalhamos.

A morte pedagógica é justamente contra nós, corpos vivos, corpos-gênero, corpos-sexperimentações, corpos-rachadura, corpos-mata-borrão, corpos-dildo, corpos, quem sabe, saídos de contos de *fodas* antes que de *fadas*.

É, não fugimos da briga.

Algumas de nós somos radicalmente sem modos e já entramos nas escolas fazendo carão e peitando as pedagogias dos mortos que tanto exigem de nós a apatia e a total descaracterização dos corpos. Algumas de nós entram nas salas fazendo a simpática e, quão logo nos sentamos com nossas crianças, começamos a contar histórias. Vez ou outra, ouvimos o famoso: “Não, tia, não é assim!” – fala essa que funciona tão bem como um cabresto das boas pedagogias. E, todavia, seguimos. Contamos as histórias.

Cada vez que contamos uma, erramos um ponto, uma vírgula, um elemento. É quase alquimia. Desfiguramos tudo. Fazemos cada história errar seu sentido, seus corpos e, com efeito, multiplicamos as narrativas, as possibilidades de existência da vida. Quando nos ouvem, as crianças conseguem reconhecer as histórias. O grosso da história está lá, figura como uma constante aos olhos reguladores. E, entretanto, algo muda. A história foi radicalizada em algum ponto e, uma vez ouvida, não tem mais volta. É o Gepeto que, mesmo homem, descobre-se mãe-germinadora de vida; é a Rapunzel que, depois de ter seu cabelo raspado, descobre que gosta muito mais do

frescor no couro cabeludo que aquela cabeleira quilométrica; é o Mogli que descobre que amar e ser cuidado não quer dizer ser isolado ou afastado das experiências de mundo; é a criança que já chega perguntando à professora desconhecida se ela é travesti.

Algumas de nós erramos as histórias pelo simples fato de não apreciarmos as linhas tão entediantes que traçam para nós. Aumentamos os corpos, as vidas, os afetos, as risadas, os carinhos, os cuidados, as atenções, as amizades. Algumas de nós, numa sala de aula, não conseguimos manter o jogo de cintura tão desejado pelas pedagogias dos mortos! Fraquejamos, erramos, gaguejamos, abrimos o jogo. “Nossa, mas a história não era assim?”, algumas de nós perguntamos com a mais despreocupada inocência fingida.

Algumas de nós ampliam o presente em fábulas que expandem a vida.

Algumas de nós, de tanto errar, acabamos por criar com as crianças as expectativas dos erros. “O que será que a professora vai errar hoje?”, perguntam-se elas já entre risos e fabulações.

E se somos uma professora sem modos, já vamos logo falando com as crianças em tom de bronca. “Menino, onde já se viu falar que sua professora está errada? Bateu com a cabeça, é?”.

Deveras, as crianças percebem, no ato, o riso que dança em nosso corpo.

Algumas de nós, quando ocupamos uma escola, não conseguimos seguir à risca as ordens e os anseios das boas pedagogias mortificantes. A morte não nos cai bem. Quando nos colocamos professoras, preferimos engasgar e vomitar o que tentam nos empurrar goela abaixo e, se preciso for, armamos o barraco em cima de um salto.

Algumas de nós, demasiado corpóreas para fingirmos apatia, reconhecemos a vida a partir das ancas, das rabas e dos odores anais que todos espalhamos. Não há vida que não possa ser saboreada por nossos corpos e não há corpo que não produza rastros, detritos ou vestígios.

Algumas de nós sabemos que nossos corpos foram produzidos – e, em boa medida, mortificados – pelas boas pedagogias. E, todavia, injetemos outras pedagogias como quem injeta silicone sob a pele para expandir os limites do corpo.

Algumas de nós, mesmo mortificadas, travestem o corpo e as pedagogias, disfarçamos o estupor com maquiagem pesada e desafinamos as vozes que tanto querem mais grossas e certeiras (ROSEIRO; GONÇALVES; RODRIGUES, 2019).

Algumas de nós, ainda que tímidas, arrastam outras tantas com nossas feiuras quase congênicas, com nossos risos escondidos, com nossas olhadas marotas. Sabemos que a travestilidade invade os corpos sem ver a quem, sem pedir marcas ou trejeitos! E uma vez invadida, a vida travesti se espalha. As pedagogias travestis são sempre da ordem do arrombo e do assombro. Colam nos corpos mais infinitos – ou não! Colam, inclusive, em corpos marcadamente heteronormativos. Não fazem manuais, livros teóricos ou científicimos.

Algumas de nós, por querermos dançar com todos os corpos cabíveis e incabíveis que a vida é capaz de inventar, não fazemos outra coisa senão pedagogias travestis.

Referências

ALVIM, Davis Moreira. Filosofias da ocupação. In: **I Seminário Máquinas, Gêneros e Sexualidades: corpos em curto-circuito**. Vitória: UFES, 25 e 26 de setembro de 2018.

ALVIM, Davis Moreira; MAÇÃO, Izabel Rizzi; ROSEIRO, Steferson Zanoni. Ano 2091 – silêncio nas filosofias da educação: por uma cartografia das resistências escolares. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, e223171, 2020.

CAETANO, Marcio. **Performatividades reguladas: heteronormatividades, narrativas biográficas e educação**. Curitiba: Ed. Appris, 2016.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo: cinema 2**. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013.

GONÇALVES, Camilla Borini Vazzoler. **As fabulo invenções das crianças nos agenciamentos dos currículos**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo. Espírito Santo, p. 155, 2019.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piroetas e mascaradas**. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Trad. Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

OLIVO, Pedro Garcia. **Apresentação da antipedagogia**. Trad. Paulo Marques. Cachoeira do Sul-RS: Editora Monstro dos Mares, 2017.

PENALVO, Cláudia; CAETANO, Marcio; RODRIGUES, Alexsandro; ALVES, Nilda Guimarães. Entre maquinarias e modos de ver e ser vista - a imagem como acontecimento da fada madrinha. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambiental**. Rio Grande, Dossiê temático "Imagens: resistências e criações cotidianas. p. 205-229, jun. 2020.

ROSEIRO, Steferson Zanoni; GONÇALVES, Nahun Thiaghor Lippaus Pires; RODRIGUES, Alexsandro. Escola, problemas de escuta? **Childhood & Philosophy**, v. 15, abr., p. 1-21..

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Trad. Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

"Never upon a time!" or the unreasonable fairytales of a clumsy teacher and a mouthy child

Abstract: This essay bets, then, in the amplification of the bodies existence, intertwining the everyday life of a school and the fabling forces. It shows a school that, by certain lens, was almost from the *Once upon a time*, absolutely fond to the sublime. From this school and its pedagogies awfully straight, this text fables a teacher that threatens everyone with its foreignness. Affronting the pedagogy of the death and the fairytale logics created by these pedagogies, the teacher exposes the *realness* of the school spaces. The teacher carries in its foreign-body questions that the pedagogy of the death discards beforehand. How to *see and live* the school life less in an explanation logic and more for its potencies? From here, raises a proposal of travesti pedagogy. How to misalign the paths and make them fly through the wind like a dandelion blew by teachers and children? Someday, the teacher was approached by a mouthy child that sees in her a travesti existence. Both affected each other immediately. For a long while, schools have pleased the cisheteronormative system. When fabling, the travesti pedagogies exposes the asses of education. For wanting to dance with appropriate and inappropriate bodies, the travesti-teacher reinvent the fairytales and, on each comma, pushes the limits of existence with children's fabulation.

Keywords: Fabulation; Teaching; Travesti Pedagogy.

"¡Era vez ninguna!" o los irracionales cuentos de hadas de un maestro torpe y un niño bocón

Resumen: Este ensayo apuesta, pues, por la amplificación de la existencia de los cuerpos, entrelazando la cotidianidad de una escuela y las fuerzas fabuladoras. Muestra una escuela que, según ciertos lentes, era casi de *Érase una vez*, absolutamente aficionada a lo sublime. De esta escuela y sus pedagogías tremendamente rectas, este texto narra una maestra que amenaza a todos con su extrañeza. Afrontando la pedagogía de la muerte y las lógicas de cuento de hadas creadas por estas pedagogías, la docente expone la realidad de los espacios escolares. La maestra lleva en su cuerpo extraño preguntas que la pedagogía de la muerte descarta de antemano. ¿Cómo ver y vivir la vida escolar menos en una explicación lógica y más por sus potencias? A partir de aquí, se plantea una propuesta de pedagogía travesti. ¿Cómo desalinear los senderos y hacerlos volar por el viento como un diente de león soplado por maestros y niños? Algún día, la maestra fue abordada por un niño bocón que ve en ella una existencia travesti. Ambos se afectaron de inmediato. Durante mucho tiempo, las escuelas han complacido al sistema cisheteronormativo. Al fabular, las pedagogías travestis exponen los culos de la educación. Por querer bailar con cuerpos apropiados e inapropiados, la travesti-maestra reinventa los cuentos de hadas y, en cada coma, empuja los límites de la existencia con la fabulación infantil.

Palabras clave: Fabulación. Enseño. Pedagogía Travesti.

55

Recibido: 18/10/2020

Aceito: 17/12/2020